Capítulo XVII — Caridade do bom Ladrão

> **Sumário.** Caridade do bom Ladrão tão grande quanto a sua esperança e a sua fé. — Amor do bom Ladrão a Nosso Senhor. — Esquece-se inteiramente de si para só pensar nele. — Belas passagens de são Gregório Magno, de são Bernardino de Sena, do bem-aventurado Amadeu. — O amor o faz falar. — Coragem heroica em suas palavras. — Amor do bom Ladrão a seu companheiro de suplício. — Objeto de eterna admiração. — Passagem de Beda, o Venerável.

O coroamento do edifício é a caridade. Não menos do que a esperança e a fé, essa virtude brilha no bom Ladrão com incomparável esplendor. A caridade tende à união: amar é unir. Quando os pensamentos de uma pessoa são os nossos pensamentos; suas afeições, as nossas afeições; seus interesses, os nossos interesses; suas dores, as nossas dores; suas alegrias, as nossas alegrias; suas esperanças, as nossas esperanças; sua vida, a nossa vida: podemos dizer que a amamos. Ora, a caridade tem dois braços: com um abraça a Deus; com o outro, o próximo. Com o primeiro prende-se a Deus, para elevar-se até ele; com o segundo prende-se ao próximo, para elevá-lo também até Deus, termo final, repouso e recompensa de todo amor. Por esse nobre trabalho, a caridade conduz todas as coisas à unidade.

Se, tal como acabamos de defini-la, essa virtude brilha de repente numa alma, se se manifesta por obras que exigem uma coragem excepcional, uma coragem mais forte do que a morte, é heroica. Será preciso acrescentar que a caridade de são Dimas reveste esses gloriosos caracteres? Nenhum viajante chega de um só salto ao cume de uma alta montanha, e o sol não derrama de uma só vez sobre o mundo as suas ondas de luz. O mesmo se dá na ordem moral. Ninguém se eleva num piscar de olhos à perfeição: *Nemo repente fit summus* (*«Ninguém se torna sumo de repente»*). Ela é o prêmio de longos esforços e de rudes combates.

Às vezes Deus dispensa dessa lei providencial, e vemos, embora muito raramente, certas almas chegar em pouco tempo ao cúmulo da perfeição. Na primeira fila desses privilegiados da graça brilha o bom Ladrão. No espaço fugaz de alguns instantes, adquire em grau heroico a rainha das virtudes, a caridade. O que é numa vasta usina a roda mestra, que põe em movimento todas as engrenagens secundárias; o que é num monte de palha a centelha ardente que consome tudo o que pode ser consumido: a caridade o foi na alma de Dimas.

> *Os pregos — diz são Gregório — lhe tinham fixado à cruz os pés e as mãos; só lhe restavam livres o coração e a língua. Inspirado por Nosso Senhor, oferece-lhe tudo o que tem de livre: o coração para obter a justiça; a língua para obter a salvação. Segundo o testemunho do Apóstolo, três virtudes sobreeminentes permanecem no coração dos fiéis: a fé, a esperança e a caridade; das três, uma graça súbita encheu o bom ladrão, que as guardou na cruz.*[1]

Os outros Padres, entre outros são Bernardino de Sena, falam como são Gregório.

> *Tudo o que possui — diz o pregador seráfico — o bom Ladrão imola a Jesus, em sacrifício de perfeito amor. Pregado à cruz, não pode servir-se nem das mãos nem dos pés; mas consagra ao seu serviço os dois membros de que pode dispor: o coração e a língua. O coração, como perfume da mais agradável fragrância, queimado pelo fogo da caridade; a língua, como o órgão de seu amor.*[2]

Que mais direi?

> *Ó fênix — exclama o bem-aventurado Amadeu — mais deliciosamente odorante que o cinamomo, o bálsamo e o nardo, a vossa só vista é mais agradável ao Rei do que todos os perfumes.*[3]

A caridade que consome o coração de Dimas faz mover a sua língua. Aqui se mostra, se é possível, ainda mais heroica. Desde o momento em que o bom ladrão reconheceu a divindade e a inocência de Nosso Senhor, compreendeu a causa de seus sofrimentos. A razão de suas dores, diz consigo, está nos crimes dos pecadores, e haverá mais abominável do que eu? É por mim que ele bebe até as fezes o amargo cálice; é para salvar-me dos tormentos eternos do inferno que está coberto de chagas; é para tornar-me feliz com ele que dá a sua vida.[4] E o seu amor rebenta em palavras heroicamente corajosas.

Esquecendo os seus próprios sofrimentos, Dimas só vê os de Jesus. A causa dele torna-se a sua. Faz-se seu apologista, proclama em alta voz a sua inocência; e, para isso, não receia afrontar o ódio de toda a sinagoga.[5]

> *Não — exclama —, Jesus de Nazaré não fez mal algum: Hic autem nihil mali gessit («mas este nenhum mal fez*

). Anás, Caifás, sacerdotes, pontífices, anciãos do povo, Pilatos, e vós todos que o condenastes à morte, que crimes tendes a censurar-lhe? É crime ter-vos pregado o amor de Deus e dos homens; ter curado os vossos doentes, ressuscitado os vossos mortos, convertido os pecadores, consolado os aflitos, alimentado os pobres, libertado os possessos? É por isso que o saciastes de ultrajes, o cobristes de chagas e de escarros, o condenastes ao mais infame dos suplícios? Eu e meu companheiro somos culpados; mas Jesus de Nazaré é inocente: *Hic autem nihil mali gessit*.» Todas essas duras verdades, e outras ainda, estão encerradas nestas duas palavras: não é culpado.

Todos os séculos admiraram a coragem que lho fez dizer à sinagoga frêmita.

> *Examinemos de perto — diz um douto e piedoso cenobita — quem foi esse ladrão, por receio de que, se ignorarmos a causa de sua esperança, caiamos na presunção. Todos os amigos, todos os parentes, todos os conhecidos do Salvador, seus familiares e até os seus próprios discípulos, privilegiados entre todos os homens, vendo-o sob o peso de tantos sofrimentos, de tantas humilhações, de tantos opróbrios, tinham-se dispersado como ovelhas cujo pastor desapareceu. Ele mesmo fugira, o discípulo que Jesus amava. Pedro, tão ardente, seguia-o de longe. Todos tinham esquecido os milagres que tantas vezes tinham visto o seu Mestre operar e o poder que lhes dera de os operar eles mesmos.*

> *E eis que esse ladrão, em meio a tantos ultrajes e misérias, que digo? em meio aos tormentos da cruz e às angústias da morte, reconhece por seu Deus aquele que nunca conhecera e pede com confiança socorro àquele que parecia ter tão grande necessidade dele. Qual dos apóstolos mostrou tal coragem? Todos fogem daquele a quem tinham confessado vivo; e o ladrão, que o negara vivo, o confessou moribundo.*[6]

A caridade, dissemos, tem dois braços. Com um Dimas agarrou Nosso Senhor; com o outro vai tentar agarrar o seu companheiro, para dá-lo ao Deus Redentor; e depois de o ter tido por cúmplice de seus crimes, vai tê-lo por companheiro de suas alegrias eternas.

Dimas faz-se missionário. Como o temor é o princípio da sabedoria, o seu primeiro cuidado é despertá-lo na alma de seu discípulo.

> *E tu também — diz-lhe — não temes a Deus: Neque tu times Deum? Como eu, vais morrer; e a todos os nossos antigos crimes não temes acrescentar um novo, insultando esse Justo e blasfemando dele? Não temes, pois, a Deus, que dentro de poucos instantes vai julgar-te?*

Depois, toma-o pelo amor-próprio.

> *Insultas-o, tu que estás condenado ao mesmo suplício: Qui in eadem damnatione es?*

Como não vês que os insultos que lhe diriges recaem sobre ti e sobre mim, visto que estamos os três na mesma condição? Não bastam os sofrimentos que não podemos evitar? É preciso, sem razão, acrescentar outros? Mesmo que o nosso companheiro de suplício fosse culpado, insultá-lo seria covardia; mas é inocente, e insultá-lo é crime. É mais que inocente, é a própria inocência, é Deus. Morre por ti como por mim; está pronto a perdoar-te. Que cegueira te impede de reconhecê-lo? Entra em ti mesmo; e os patíbulos que separam os nossos corpos reunirão as nossas almas na glória.»[7]

Sabe-se de que maneira o mau ladrão aproveitou a ardente caridade de Dimas. Foi tanto mais meritória quanto não recebeu a sua recompensa neste mundo e quanto, para exercê-la, o bom Ladrão precisou de coragem heroica. Ao tentar converter o companheiro, fazia-se apologista de Nosso Senhor, pregador de sua divindade e acusador público de toda a sinagoga. A que redobramento de ultrajes, de zombarias e de torturas o expunha tal audácia? Para compreendê-lo, seria preciso conhecer toda a profundeza do ódio dos judeus contra Nosso Senhor. Seja como for, a tradição nos ensina que a coragem de Dimas lhe valeu o privilégio de ter as pernas quebradas em primeiro lugar, sem dúvida a fim de reduzir mais depressa ao silêncio essa voz acusadora.

> *Quem, pois — exclama Beda, o Venerável —, poderá furtar-se a admirar a heroica caridade do bom Ladrão: Quis hujus latronis animum non miretur?*[8]

Não nos contentemos em admirá-la; que cada um de nós, em sua posição, se esforce por imitá-la.

Notas

[1] *In cruce, clavi manus pedesque ligaverant, nihilque in eo pœnis liberum, nisi cor et lingua, remanserat. Inspirante Deo totum illi obtulit, quod in se liberum invenit, ut corde crederet ad justitiam; ore confiteretur ad salutem. In corde autem fidelium tres summopere manere virtutes testatur Apostolus, fidem, spem et charitatem, quas cunctas subita repletus gratia et accepit latro, et servavit in cruce.* («Na cruz, os pregos lhe tinham atado mãos e pés, e nada nele ficara livre das penas, senão o coração e a língua. Inspirando-o Deus, ofereceu-lhe todo o que achou livre em si, para que com o coração cresse para a justiça e com a boca confessasse para a salvação. No coração dos fiéis, porém, testemunha o Apóstolo que permanecem soberanamente três virtudes: a fé, a esperança e a caridade, as quais, todas, repleto de súbita graça, o ladrão recebeu e guardou na cruz.») *Moral.*, XVIII, 13.

[2] *Totum quod habuit, ipsi Jesu in amoris perfecti sacrificium immolavit. Manibus et pedibus crucifixus non valuit sibi servire, nisi tantum cum duobus membris, primo corde, secundo lingua. Primo enim sibi cor in thymiama perfecti odoris ardenti charitate sacravit. Secundo vero linguam sibi obtulit.* («Tudo o que teve, imolou ao próprio Jesus em sacrifício de perfeito amor. Crucificado nas mãos e nos pés, não pôde servi-lo senão com dois membros: primeiro o coração, segundo a língua. Primeiro, com efeito, consagrou-lhe o coração em incenso de perfeito odor, com ardente caridade. Em segundo lugar, ofereceu-lhe a língua.») Serm. *in Parasc.*, 55, cap. II.

[3] *O phœnix aromatisans, gratius cinnamomo, et balsamo et nardo, suavius regem in aspectu tuo delectans.* («Ó fênix aromatizante, mais grato que o cinamomo, o bálsamo e o nardo, deleitando mais suavemente o rei com o teu aspecto.») Homil. *in obit. Virg.*

[4] *Intellexit enim, quod pro alienis peccatis has plagas susciperet, pro alienis sceleribus has plagas sustineret, et scivit quod illa in corpore Christi vulnera, non essent Christi vulnera, sed latronis, atque ideo plus amare cœpit postquam in corpore sua vulnera recognovit.* («Compreendeu, com efeito, que ele recebia essas chagas por pecados alheios, que sustentava essas chagas por crimes alheios, e soube que aquelas feridas no corpo de Cristo não eram feridas de Cristo, mas do ladrão, e por isso começou a amar mais depois que reconheceu no corpo dele as suas feridas.») S. Máximo, Homil. I *De S. Latr.*

[5] *Latro dolorum suorum prorsus oblitus, encomiis Christi intendit.* («O ladrão, esquecido por completo de suas dores, dedicou-se aos elogios de Cristo.») S. Basílio de Selêucia, *Orat.*, na *Bibl. PP.*

[6] *Quem discipulorum tanta audacia inflammavit? Fugerunt omnes eum, quem hactenus fuerant confessi dum viveret: iste vero quem viventem negaverat, confitetur morientem.* («Qual dos discípulos tamanha audácia inflamou? Todos fugiram dele, a quem até então tinham confessado enquanto vivia; este, porém, que o negara vivo, confessa-o moribundo.») *Vitis myst.*, cap. IX, n.º 34, *ubi supra*.

[7] *Dimas, divino fervefactus amore, coram judice inter medium pendente, sodalem arguere, ac etiam instruere non veretur dicens: Neque tu times Deum, qui in eadem damnatione es?* («Dimas, abrasado de divino amor, diante do juiz pendente no meio, não receia arguir o companheiro e até instruí-lo, dizendo: Nem ainda tu temes a Deos, estando no mesmo supplicio?») B. Simão de Cássia, *in Luc.*, liv. XIII, *De Pass.*, cap. III. — *Pugnat latro cum socio latrone, et ait: Ad hoc usque tempus, quo cruci affixi sumus, inter nos convenimus et iter una fecimus. Verumtamen ab ipsa cruce finditur mihi via: si mecum iter facere velis ad vitam, veni, sin minus, vade vias tuas*, etc. («O ladrão luta com o ladrão companheiro e diz: Até este tempo, em que fomos pregados à cruz, concordamos entre nós e fizemos juntos o caminho. Contudo, a partir da própria cruz abre-se-me o caminho: se queres fazer comigo o caminho para a vida, vem; se não, vai por teus caminhos», etc.) S. Crisóstomo, *De Cruce*, em P. Orília, p. 179.

[8] *In Luc.*, XXIII, cap. VI.

Revision #1
Created 25 November 2026 00:40:11 by Admin
Updated 25 November 2026 00:40:11 by Admin